

ruas de Lixboa a sua biblioteca de continentes, o marinheiro destapava um contentor de lixo e vertia-lhe dentro um feixe de rios tropicais que se enterravam com a sua fauna, a sua vegetação, os seus minérios, as suas peculiaridades meteorológicas e a profundidade e características dos seus leitões, entre sobejos de arroz de grelos e embalagens de pastilhas para a tosse. O planeta inteiro sumiu-se dessa forma, país a país e meridiano a meridiano, nos caixotes da cidade, e não lhes sobrava mais, por alturas do Jardim da Patriarcal, que um astrolábio ferrugento e meia dezena de recortes de jornal de Luas & Marés que o almirante utilizava a fim de orientar melhor a navegação das caravelas. Nas vizinhanças do Bairro perceberam ao longe, entre um cortejo de frades que entoavam ladainhas e Te Deums soturnos, o poeta Gomes Leal, de cartola amolgada e camélia no fraque, entrando na pressa urgente do tinto numa taberna aclarada pela fosforescência de um televisor. Caruagens de marqueses, de brasões desenhados na talha da porta, ultrapassavam-nos de eixos a chiar para se desvanecerem no Teatro da Trindade abanando as molas lassas do traseiro de gancho. Ao vestir o pijama, exactamente por debaixo das badaladas das duas da manhã, Diogo Cão, em ceróilas, flutuava numa espécie de limbo deserto de afluentes e bacias por achar, onde um infante qualquer, de pé no extremo de um qualquer monte rochoso, observava o nada com binóculos de madreperla de sócio do Jockey Club. Puxou o autoclismo para se assegurar da realidade da água e nenhuma cachoeira se despenhou na retrete. Espreitou o rio pela janela e não entendeu as lanternas de navegação das chalupas e das naus, substituídas por um grande espaço negro atravessado pelos candeeiros da ponte. Palpou ao espelho as gengivas que o escorbuto devorara e deu no vidro com uma dentadura perfeita, de cerâmica, que respondeu com um sorriso amável à sua aflicção de marujo. Acabou por a jogar no copo da mesinha de cabeceira, por apagar a luz do quarto, por recusar as carícias preocupadas da mulher, e por continuar fitando, até de madrugada, roendo a pedrapomes das mandíbulas, a Terra que se transformara num deserto seco de ondas e de tágides, onde mesmo o vento dos búzios tinha por fim desaparecido.

Para alojar, de entre os que tornavam de África, aqueles cujos corpos conservavam ainda o cheiro e o murmúrio de larvas dos campos de algodão adormecido que os cães selvagens percorriam no seu trote quimérico, o governo desocupou um hospital de tuberculosos que passaram a tossir nos jardins públicos hemoptises cansadas, e vasou nas enfermarias de muros de cenas de guerra e de actos piedosos, impregnados pelo torpor de morte dos desinfetantes, os colonos que vagavam à deriva, de trouxa sob o braço, nas imediações dos asilos, na mira dos restos de sopa do jantar.

O homem de nome Luís, que se alimentava do espinafre da Mitra na antiga capela de um refeitório miserável, foi presenteado com uma cama em pedaços num pavilhão cercado de macieiras e de ervas ruins perto do gradeamento de um colégio de meninos mongolóides, dalai-lamas descidos das neves do Tibete para aprenderem, em Lixboa, a moldar carneirinhos de plasticina numa paciência de noviços. As empregadas, que se esqueceram entretanto de transferir para outra clínica, comportavam-se connosco como com os doentes expulsos, medindo-nos a febre de manhã e à tarde, introduzindo-nos à força arrastadeiras sob os lençóis, e levando-nos a passear em roupão, a seguir ao almoço,

num parque de camélias calvas e de tanques de basalto de cujas fendas nasciam em desordem madeixas de jacintos. No sanatório os dias tornavam-se mais lentos do que partidas de xadrez; as sextas obrigatórias nas cadeiras de lona da varanda, com um tubo de mercúrio espetado na língua e um galho de plátano a atormentar os pés aparentavam-se às semanas de mar chão, e alguns mulatos, contagiados pela mágoa dos poentes e o perpétuo outono das mimosas, deram em cuspir sangue em bacias esmaltadas numa agonia lânguida que os mongolóides do Tibete, todos parecidos como uma ninhada de gémeos, espiavam do portão numa sabedoria secreta.

Logo de madrugada um concerto de pigarros e bronquites afogava os guinchos dos pássaros no jardim e as solas dos médicos nos corredores, chegados para auscultarem as pioras no tórax dos doentes cujos pulmões se aparentavam aos naperons dos tremós, prestes a dissolverem-se em grumos com a simples força do olhar. O homem de nome Luís, a quem apesar da ausência de sintomas obrigaram a um roupão de moribundo, obteve autorização para um intervalo de uma hora fora da cerca do hospício, escoltado por um servente que carregava o penico de loiça destinado aos bacilos da hemoptise que tardava. Assim conheceu, em pantufas, o bairro envenenado pelo sanatório de miasmas tristes e no qual toda a gente adquirira, por receio de contágio, o uso de apertar contra a boca o lenço de assoar, fornecendo ao épico a impressão de que caminhava de pijama no meio de uma multidão de cirurgiões aberrantes vestidos de vendedeiras de peixe, de operários canalizadores ou de caixas de banco, esmagados pelo lacre em chamas de agosto.

Cada vez mais Lixboa se lhe afigurava um rodopio de casas sem destino, uma cavalgada de algerozes, de tapumes, de flechas de igreja e de ruas a quem as obras camarárias expunham as tripas dos esgotos sob um céu rebentado de pústulas de nuvens. No meio de tanta odiosa claridade que despia as pessoas da misericórdia das suas próprias sombras, o escritor, tonto de luz, acabava por acompanhar, sempre seguido do sujeito do penico, os falsos doirados de um enterro qualquer

na esperança da noite de cedros dos cemitérios onde os defuntos se evaporavam sob miniaturas de templos gregos e crianças de gesso, estranguladas por flores artificiais que cheiravam às cerejas de gaze dos chapéus e que ele confundia com o aroma de naftalina da morte. Sentado no parapeito de tijolo de uma ruela de jazigos, com o bacio ao alcance do primeiro cuspo, assistia ao cortejo modesto dos funerais dos pobres, ou seja uma urna numa carreta desfeita, velhos a cambalearem atrás, e rafeiros vagabundos que a presença do cadáver atiçava. Internado num sanatório longe do mar ter-se-ia esquecido de Loanda e dos pássaros pernaltas da baía, de pescoço esticado no cume das palmeiras, se no seu pavilhão, mesmo colado ao edifício onde os dalai-lamas aprendiam os ditongos, não escutasse por vezes, trazido pelos assopros do vento, o sussurro dos motores das fragatas largando para a pesca das docas de Cabo Ruivo, sob a labareda litúrgica da Siderurgia.

Aos domingos à noite um flautista internado na enfermaria do terceiro andar de onde se avistava o radar do aeroporto e os longes do Seixal, animava a sala de convívio, de mesas de pingue-pongue empenadas e longos sofás de concubina, com baladas dos anos trinta segregadas pelo enfisema do instrumento. Fora cozinheiro num restaurante do Lobito frequentado por camionistas negros e bêbedos sem vintém, e interrompia o halo de insónia dos programas de televisão para exumar o píforo de um estojo de cetim, encaixar uns nos outros os três segmentos que o compunham, esticar os lábios num mamilo de bibeirão, apoiar a ponta dos dedos nos orifícios semelhantes a buracos de cinto, e em pontas de pés, no intuito de conferir mais sentimento às notas, soprar pelos poros da gaita um tango de Gardel que a tosse dos colonos acompanhava a descompasso. Num desses recitais aflitivos, logo a seguir a notícias de greves de relojoeiros suíços, alunagens papais e inundações em Cabo Verde, o homem de nome Luís, que se julgava sozinho numa poltrona de ramagens, meditando oitavas e compondo episódios gloriosos, notou a presença, ao seu lado, de um sujeito albino e míope, de frasquinho para a expectoração nos joelhos, que o som da flauta atravessava sem tocar de tal modo a tuberculose e o despaisa-

mento lhe tornaram o corpo numa espécie de tutano sem substância. De tempos a tempos pingava no gargalo um fiozito de sangue que coagulava numa florinha escarlata e desaparecia de novo no interior do pijama, reduzido à cintilação dos olhos. No termo da serenata dirigiu-se, quase não roçando o sobrado com as calças de brim, para um pavilhão mais recente que os restantes, construído nas traseiras do prédio principal, a vinte ou trinta metros da cozinha, e em cujos quartos empalideciam, definitivamente, os derradeiros odores das canjas das dietas.

Nas tardes seguintes, quando abria caminho a chinelar, através de um emaranhado de pigarros, para o seu passeio diário, topava o fulano míope, que a translucidez confundia com as aguarelas das paredes, a observar as macieiras do parque derramado numa cadeira de lona ou dialogando num canto da varanda, em conspirações misteriosas, com cavalheiros tão inexistentes como ele, cada qual com a sua proveta de rosas de cuspo na mão, e de que línguas cicatrizadas possuíam a marca iniludível do escorbuto. Por essa época o sanatório conseguia os seus primeiros defuntos entre os retornados mais magros, minúsculos sob os lençóis que lhes cobriam a cabeça, e a gente via-os seguir, estendidos numa espécie de tabuleiro com rodas, para a cave de adega das autópsias, claustro onde um carnicheiro de avental de borracha e luvas cor de nêspira de lavar a roupa dissecava intestinos e artérias a golpes de facão.

O homem de nome Luís já levava escrito um terço do poema na tarde de setembro em que o míope caviloso, após uma hora de prudentes círculos de abutre, lhe puxou a manga do pijama e o convidou a presenciar na Ericeira, na primeira semana de outubro, o desembarque do rei:

– D. Sebastião aparece das ondas num cavalo branco, assobiou ele depositando uma rosa no seu frasco.

O poeta imaginou uma horda de tísicos em uniforme hospitalar, acorados na neblina das dunas, à espera de um monarca risível que se elevaria das águas na companhia do seu exército vencido. Desde que regressara de África que até o fluir do tempo se lhe afigurava absurdo,

e não se conformara ainda com os demorados crepúsculos de calda de marmelo do verão, a ausência de capim e o seu restolhar ávido de insectos, e movia-se na cidade como num planeta criado pelo mecanismo da imaginação, informado por notícias de jornal tão enigmáticas como arrulhos de baleia. E aceitou a expedição do mesmo modo que aceitava os pneumotórax e os xaropes dos médicos do asilo que se lançavam sobre si, às terças e às sextas, num zelo curativo de agulhas e de tintura de iodo.

– O único problema, preveniu-o o senhor transparente sem mover os lábios, designando com o queixo os serventes que vigiavam as expectorações dos colonos, são os informadores espanhóis.

E elucidou-o que o país fora ocupado pelos castelhanos na sequência do fracasso da expedição a Marrocos, e o prior do Crato, filho do infante D. Luís, cuja tropa desertara após dois ou três recontros de jogo do pau, vagueava pelo norte disfarçado de pequinês tentando apoios inúteis nas aldeias alheadas.

As miudezas do plano para a restauração da independência, elaborado entre acessos de bronquite pelo patriota da flauta, ser-lhe-iam reveladas durante as sextas de depois do almoço ou os velórios quase quotidianos na capela do sanatório, decorada por São Roques pestanudos que contemplavam, numa piedade marialva, tuberculosos de jaquetão com a boca ainda aberta num sorvo sem ar. Um escriturário do hospício, aliciado pelas manobras de amor de uma mulata apaixonada que se redimia dessa forma de vinte anos de prostituição desenfreada, alugara um autocarro de vidros fumados de pastorear turistas por torres de menagem, catedrais e insignificâncias do género, que se destinava a transportar os doentes até à Ericeira ao encontro do rei maricas e do seu Estado-maior em farrapos, partindo daí a fim de ocupar o aeroporto, as estações de rádio e de televisão, o parlamento, a ponte do Tejo e as entradas de Lisboa, enquanto pelotões de internados de diversos asilos, sob o comando de moribundos a soro, invadiriam, a pigarrear as suas pétalas de sangue, o edifício da política, os ministérios e os portos, aprisionando os duques espanhóis no forte de Caxias ou

empilhando-os em escunas sem leme, jogadas ao acaso num oceano de tritões.

O sanatório viveu as semanas imediatas no silêncio de maus prenúncios que antecede as gripes e sobressalta os cachorros, cujas pupilas se arroxelam de um suor de pavor. A tísica dizimava pavilhões inteiros e os corpos, cobertos de mantas numeradas, aguardavam as tesouras da autópsia não apenas nas mesas de mármore de esartejar defuntos mas nos próprios degraus que conduziam à adega, nos tapetes esfiados da sala de jantar, no espaço para as pernas das secretárias dos doutores e por detrás dos fogões da cozinha, juntamente com os jornais e as baratas, corados pelos briquetes dos fornos. Alguns enfermeiros e médicos escondiam já as faringites incipientes na palma da mão, e apresentavam-se ao trabalho com olheiras de noites mal dormidas, atormentados pelas perturbações da febre. E no entanto o flautista prosseguia os seus concertos impávidos apesar do resplendor murcho da televisão, interpretando boleros com uma veemência que comovia ao ponto das lágrimas a assistência que salivava moléstias nas provetas, enquanto lá fora as rajadas de setembro secavam as árvores e doiravam as noites, quase de outono, do pó amarelo dos seus bagos. O homem de nome Luís julgava entender na flutuação da música o morse cifrado dos adeptos do menino loiro, principalmente quando o artista, a quem a inspiração libertava do peso da sua condição terrestre, se erguia verticalmente no ar no sentido do estuque do tecto, agitando os pés como barbatanas de peixe de aquário acima das cadeiras do público, para regressar ao soalho, com a última nota, na leveza dos ilusionistas. Ao atravessar o parque, acabados os boleros, imaginava naus de espanhóis perdidas nos escolhos do Báltico e galeras sem destino encahadas nos penedos da Costa do Marfim, nas quais centenas de soldados, de armaduras amolgadas por tempestades dementes, acenavam em vão para orlas de floresta onde se acumulavam cachos de pretos siderados.

No serão em que o músico trocou o reportório do costume pelo hino nacional, executado em ritmo de pasodoble para enganar os ser-

ventes, já muito poucos colonos sobreviviam aos bacilos dos pulmões, a calcular pelos bancos desertos e pelo odor de carne decomposta das enfermarias, e vários médicos haviam deixado o hospital em busca de melhoras nas clínicas dos Alpes, arrepiados pelos soluços dos cucos. Preparava-se para se levantar do sofá, enjoado pela pestilência dos defuntos, quando o sujeito transparente o arrastou com brandura pelo terraço de tijoleira fora, que as raízes das macieiras fracturavam num esforço imenso de ressurreição, e lhe apontou com o mínimo, que mal se diferenciava da cor malva do ar, uma camioneta de faróis acesos estacionada ao portão e tuberculosos em pijama que se disseminavam em bicos de pés pelas moitas de arbustos, tentando não fazer barulho no silêncio do escuro em que patinhavam como escafandristas na direcção das luzes coaguladas do carro.

A camioneta era um espantoso veículo para americanos ricos, de assentos semelhantes a cadeiras de barbeiro, ar condicionado, lavatórios de avião, auscultadores individuais para zarzuelas e óperas, e hospedeiras de farda e bivaque que serviam pães de leite e copinhos de sumo. O motor trabalhava no zunido imperceptível da electricidade estática, e o homem de nome Luís viu pela última vez o desmedido edifício do asilo composto de varandas sucessivas e cercado de caramanchões indecifráveis, adornado sob a meia laranja da lua. Viu os pavilhões na trama dos buxos, as estufas dos laboratórios em que chiava o medo das cobaias e a casa mortuária repleta de múmias quitinosas, idênticas aos caimões dos museus. Nos quartos dos médicos deslizavam de quando em quando os pavios de navegação da insónia dos doutores, que desciam seminus ao armário dos remédios à cata da garrafa rolhada dos hipnóticos. O colégio dos dalai-lamas era uma nave de cujo sótão surdiam sem rumor cardumes de morcegos, de caninos cruéis como mestres de francês. Carrosséis de cavaleiros e outras ferramentas de tortura giravam numa espécie de redil destinado a esmagar rótulas e a abrir cabeças, que o farmacêutico do quartirão suturava amorosamente num aparato de agrafes. O homem de nome Luís acomodou-se nos estofos, fechou os olhos e sonhava já com as vielas tor-

tas do Cazenga e os jipes da polícia militar derrapando nas traições do lodo, quando o flautista berrou lá da frente, com o píforo numa das mãos e a proveta dos cuspos na outra, São Jorge e Portugal. O hospício dos pneumotórax desapareceu nas suas costas, sombras de prédios escorregaram para trás de mim nas janelas fumadas, os lampiões dos palacetes do Lumiar, cobertos de buganvílias até às vigias do sótão, afastaram-se de nós com as suas salvas de prata e os seus leitos de dossel e ficou-se apenas a telefonia do autocarro que repetia, aos uivos, marchas militares e versos comunistas.

Tomaram a estrada de Sintra atrás do escape de uma furgoneta de legumes que silvava gases de guerra por todos os poros da panela desfeita, enquanto vários pijamas revolucionários se desmoronavam em intermináveis acessos de tosse e o senhor transparente, de termómetro na boca, vacilava de febre à minha esquerda naufragado em limos de transpiração. Pinheiros afiados ameaçavam-nos das bermas perto do arco de trevas do desvio de Queluz devorado pela gula da hera. Um tapume que corria paralelamente ao alcatrão desvaneceu-se de súbito abandonando-nos numa mata de abetos. Polícias de trânsito de bastões luminosos, emboscados nas encruzilhadas, multavam caleches desprevenidas. Os restaurantes e os monumentos de Sintra, diluídos numa neblina perpétua e desenhados por holofotes de estádio, achatavam-se no fundo da humidade com robalos entrando e saindo pelas janelas abertas a despedirem reflexos azulados. A estação dos comboios enchia-se na noite de malmequeres de ausentes, e nas vivendas de telhados como cornos de bois minhotos, marujos vogavam de perfil na preguiça das algas. O homem de nome Luís recordou-se dos crepúsculos concretos de Loanda onde tudo parecia exactamente o que era, sem mistérios náuticos nem pegadas de sereias ausentes, que se limitavam a conversar nos bares dos hotéis, de cigarro nas escamas das unhas, com belgas idosos a quem o quarto cálice de porto transtornava.

O trajecto de Sintra à Ericeira compunha-se de um desespero de curvas e contracurvas com aglomerados de aldeolas no percurso, casas

de campo, vivendas de emigrantes e cães estremunhados, de palatos negros, a ladrarem com ódio das portas das tabernas. Ultrapassaram o convento de Mafra repleto de centopeias e soldados, e chegaram à Ericeira pouco antes das três e vinte da manhã, chocalhando os ossos de frio no interior do pijama hospitalar, cada qual com o seu gargalo expectorante debaixo da boca e os comprimidos do pequeno-almoço na algibeira, sob as ordens do tísico do píforo cuja asma assobiava como um fole empenado. Vaguearam por becos e pracinhas reconhecendo-se mutuamente pela tonalidade dos pigarros, a farejar, com o nariz cor de amêijoas dos doentes, a direcção do mar e a localização da praia, e esbarrando em cadeiras de esplanada, bancos públicos a que faltavam pranchas, taipais que lhes vedavam a água, muralhas de granito de cinquenta metros a pique, canoas de pescadores, redes enroladas, cintilações de bóias e os paus de toldo do verão acabado, com os seus desperdícios atolados nas dunas.

Foi um velhote de pupilas pisadas pelo avanço dos bacilos, de cachecol em torno do talo de couve do pescoço, que encontrou a escada que descia para a areia em patamares precários, e chamou o músico que decifrava nas trevas o mercúrio do termómetro a fim de se inteirar dos centígrados da sua desdita. O patriota transparente e mais dois ou três heróis de bacia no queixo convocaram os tuberculosos que se aventuravam, em roupão, num parque de automóveis deserto palpano o possível sentido do oceano que os espreitava ao mesmo tempo de todas as esquinas com o seu cheiro de alforrecas e narcisos, e acabaram por tropeçar em rebanho, numa manada incerta de esqueletos, nos degraus que levavam à praia e aos cestos de sardinha desprezada, junto a um café com um gato cinzento a dormir no gume desigual do para-peito.

Amparados uns aos outros para partilharem em conjunto do aparecimento do rei a cavalo, com cicatrizes de cutiladas nos ombros e no ventre, sentaram-se nos barcos de casco ao léu, no convés de varanda das traineiras, nos flutuadores de cortiça e nos caixotes esquecidos, de que se desprendiam odores de suicida dado às dunas pela chibata das

correntes. Esperámos, a tiritar no ventinho da manhã, o céu de vidro das primeiras horas de luz, o nevoeiro cor de sarja do equinócio, os frisos de espuma que haveriam de trazer-nos, de mistura com os restos de feira acabada das vagas e os guinchos de borrego da água no sifão das rochas, um adolescente loiro, de coroa na cabeça e beiços amuados, vindo de Alcácer Quibir com pulseiras de cobre trabalhado dos ciganos de Carcavelos e colares baratos de Tânger ao pescoço, e tudo o que pudemos observar, enquanto apertávamos os termómetros nos sovacos e cuspíamos obedientemente o nosso sangue nos tubos do hospital, foi o oceano vazio até à linha do horizonte coberta a espaços de uma crosta de vinagreiras, famílias de veraneantes tardios acampados na praia, e os mestres de pesca, de calças enroladas, que olhavam sem entender o nosso bando de gaivotas em roupão, empoleiradas a tossir nos lemes e nas hélices, aguardando, ao som de uma flauta que as vísceras do mar emudeciam, os relinchos de um cavalo impossível.